

ESBOÇOS

Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC

DOSSIÊ
HISTÓRIA E
CINEMA

Florianópolis
2012 / 1

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC

Eunice Sueli Nodari

Subcoordenador do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC

Henrique Espada Rodrigues Lima Filho

Conselho Editorial

Ana Lize Brancher, Artur Cesar Isaia, Cristina Scheibe Wolff, Eunice Sueli Nodari, Henrique Espada Rodrigues Lima Filho, Sílvio Marcus de Souza Correa.

Conselho Consultivo

Antônio Luigi Negro (UFBA); Barbara Weinstein (NYU); Benito Bisso Schmidt (UFRGS); Christinada Silva Roquetti Lopreato (UFU); Cláudio Bertolli filho (UNESP); Cléria Botelhoda Costa (UnB); Edgar Salvadori de Decca (UNICAMP); Élio Cantalício Serpa (UFG); Fernando Teixeira daSilva (Unicamp); Gilmar Arruda (UEL); Horacio Gutiérrez (USP); Iara Lis Franco S. C. de Souza (UNICAMP); Ítalo Arnaldo Tronca (UNICAMP); Izabel Andrade Marson (UNICAMP); Jaime Yaffe (Universidad de la República – Uruguay); Luciene Lemkhul (UFU); Mirta Lobato (UBA – Argentina); Maria Tereza Santos Cunha (UDESC); Márcia Regina Capelari Naxara (UNESP – Franca); Ricardo Muller (Sociologia – UFSC); Rosângela Miranda Cherem (UDESC); Sidnei Munhoz (UEM); Valdir Gregory (UNIOESTE); Vavy Pacheco Borges (UNICAMP).

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Campus Universitário Trindade 88.040-900 Florianópolis SC

e-mail: revistaesbocos@gmail.com - Fone/fax: (48) 3721 9359

www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/

Editora: Eunice Sueli Nodari

Organização deste número: Alexandre Busko Valim

Editor de seção: Alexandre Busko Valim

Editor assistente: Marcos Gerhardt

Diagramação: Marcos Gerhardt e Jovenson Casagrande

Imagem da capa: A arte da capa é uma composição com a famosa cena do filme Safety last, de 1923, em que Harold Lloyd fica pendurado em um relógio de um grande edifício. Créditos: Alexandre Busko Valim. Imagem de domínio público segundo a Lei de direitos autorais n. 9.610/98.

Publicação sem fins lucrativos dirigida aos profissionais e estudantes de História. Tem como objetivos incentivar a publicação de pesquisas e disponibilizar novas temáticas e fontes aos pesquisadores. **O conteúdo e a metodologia empregados nos artigos são de inteira responsabilidade dos autores.**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – UFSC
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA CULTURAL
LINHAS DE PESQUISA E CORPO DOCENTE

1. TRABALHO, SOCIEDADE E CULTURA

Profa. Dra. Beatriz Gallotti Mamigonian
Prof. Dr. Henrique Espada Rodrigues Lima Filho
Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado

2. MIGRAÇÕES, CONSTRUÇÕES SOCIOCULTURAIS E MEIO AMBIENTE

Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari
Prof. Dr. João Klug
Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma
Prof. Dr. Silvio Marcus de Souza Correa

3. RELAÇÕES DE PODER E SUBJETIVIDADES

Profa. Dra. Aline Dias da Silveira
Profa. Dra. Ana Lize Brancher
Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff
Profa. Dra. Janine Gomes da Silva
Profa. Dra. Joana Maria Pedro
Profa. Dra. Renata Palandri Sigolo Sell
Prof. Dr. Rogério Luiz de Souza
Profa. Dra. Roselane Neckel

4. HISTÓRIA INDÍGENA, ETNOHISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

Profa. Dra. Ana Lúcia Vulfe Nötzold
Prof. Dr. Lucas de Melo Reis Bueno
Prof. Dr. Valmir Francisco Muraro

5. SOCIEDADE, POLÍTICA E CULTURA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte
Prof. Dr. Alexandre Busko Valim
Prof. Dr. Waldir José Rampinelli

6. ARTE, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

Profa. Dra. Leticia Borges Nedel
Profa. Dra. Maria Bernardete Ramos Flores
Profa. Dra. Maria de Fátima Fontes Piazza

SUMÁRIO

DOSSIÊ HISTÓRIA E CINEMA

Apresentação	
<i>Alexandre Busko Valim</i>	1-13
Quando as mulheres filmam: história e gênero no cinema dos anos da ditadura	
<i>Alberto da Silva</i>	14-31
Apontamentos iniciais para a semiótica de um gênero: o filme musical	
<i>Ciro Flamarion Cardoso</i>	32-54
Cinema educativo do fascismo e do Estado Novo em comparação	
<i>Cristina Souza da Rosa</i>	55-75
El discurso social en el cine histórico de Hollywood	
<i>Fabio Gabriel Nigra</i>	76-98
Modelos escenograficos en el cine historico español	
<i>Gloria Camarero Gómez</i>	99-123
Las interrelaciones Historia y Cine, en España	
<i>Josep Maria Capparós Lera</i>	124-139
Visconti ou como inventar uma crítica da História graças ao cinema	
<i>Michèle Lagny</i>	140-149
Cine y evento histórico: la muerte de Franco en la pantalla	
<i>Nancy Berthier</i>	150-170
Cine e Historia en la Argentina: un estado de la cuestión	
<i>Mariana Piccinelli, Florencia Dadamo, Leandro Della Mora</i>	171-195
A “Divisão de Filmes” da UNESCO e o cinema documentário	
<i>Rosana Elisa Catelli</i>	196-218

Da narrativa à identidade: as representações das greves no ABC paulista e os depoimentos contidos no documentário <i>Peões</i>, de Eduardo Coutinho (2004)	
<i>Rafael Rosa Hagemeyer, Alexandre Pedro de Medeiros</i>	219-241
Cinema e História em Israel: de uma história a outra	
<i>Sheila Schvarzman</i>	242-257
Hibridismos e intertextualidades no cinema contemporâneo de temática adolescente	
<i>Tania Montoro, Michael Peixoto</i>	258-272
ARTIGOS	
O uso das “Aparições de Fátima” na manutenção do Império Colonial Lusitano	
<i>Waldir José Rampinelli</i>	273-287
<i>Ad Regem</i>: usos das retóricas epidítica e judicial na dedicatória da Crônica de Guiné (Século XV)	
<i>Jerry Santos Guimarães, Marcello Moreira</i>	288-313
ENTREVISTA	
A triste vida e época de um informante do FBI e outras considerações sobre a Guerra Fria: entrevista com Daniel Leab	
<i>Michelly Cristina da Silva</i>	314-329
RESENHAS	
Audiovisual: presente na história, presente da história	
<i>Bianca Melyna Filgueira</i>	330-334
Poderia se fazer História por meio dos filmes?	
<i>Lucas Braga Rangel Villela</i>	335-341
Viagem de meu irmão Alexei ao país da utopia campesina	
<i>Óscar Gallo</i>	342-349
Uma história da Idade Média através do corpo	
<i>Bruno Silva de Souza</i>	350-354
Leituras de Bourdieu: o campo, o intelectual e o saber	
<i>João Rodolfo Munhoz Ohara</i>	355-359
A história de uma infanticida	
<i>Sabrina Fernandes Melo</i>	360-365

APRESENTAÇÃO

Alexandre Busko Valim*

Não faz muito tempo que estudar cinema em um curso de graduação ou pós-graduação de História era algo que gerava certa desconfiança. No entanto, há cerca de quarenta anos o campo vem lentamente se consolidando em virtude das iniciativas de pioneiros no campo, na França, Espanha e alhures. Obviamente não pretendo aqui desmerecer a longa tradição de estudos sobre o cinema iniciada ainda na década de 1910 com Ricciotto Canudo e que teve nomes importantes nas décadas seguintes como Siegfried Kracauer e Georges Sadoul. Convencionou-se, porém, demarcar a década de 1970 como significativa para o desenvolvimento do campo devido à sofisticação teórica e metodológica intensificadas a partir de então.

No Brasil, como já delineei em outra oportunidade, o campo tem sido problematizado por importantes nomes como Paulo Emílio Salles Gomes, Salvyano Cavalcanti de Paiva, Alex Vianny, Octávio de Faria e José Carlos Avellar há pelo menos oito décadas.¹ No que diz respeito à discussão relativa ao cinema e a Educação, intelectuais como Jônatas Serrano, Francisco Venâncio Filho e Canuto Mendes de Almeida despontam já no final década de 1920. Nas décadas seguintes importantes avanços foram realizados, sobretudo na área da Educação, como indicam os trabalhos de Cristina Souza da Rosa e Rosana Elisa Catelli, em dois artigos presentes neste dossiê.

Mas foi apenas no final da década de 1980 que as pesquisas sobre as relações entre História e cinema começaram a ganhar mais fôlego, devido a ampliação do acesso aos filmes, ao aumento de publicações e pesquisadores na área, e também graças a sua popularização nos programas de pós-graduação em História. Atualmente a área de pesquisas na qual a História e o cinema tem dialogado, como demonstram os artigos deste número, se estende para territórios bastante frequentados pelos historiadores como a Semiótica, as

* Professor nos cursos de Graduação em História, de Graduação em Cinema e da Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Relações Internacionais, a Literatura, a Sociologia, Antropologia e a Filosofia. E outros um pouco menos visitados como as Artes Cênicas, a Música e a Propaganda. Nos últimos anos, embora as pesquisas na área tenham avançado teoricamente e metodologicamente por meio de uma forte vocação interdisciplinar e no enfrentamento de aspectos difíceis de serem estudados - como a recepção -, os filmes ainda são tratados por muitos historiadores de forma descritiva e insuficiente. Soma-se ao superficialismo de muitas abordagens certo descrédito de alguns historiadores quanto à validade e importância do cinema para pensar a História.

Talvez o melhor diagnóstico para esse problema seja a constrangedora ausência de disciplinas obrigatórias voltadas para o estudo do audiovisual em currículos de graduação. Ainda que as imagens e sons façam parte de nosso cotidiano e muitas vezes interfiram de modo decisivo na construção de versões sobre fatos e memórias, seguem na periferia dos cursos de História com currículos mais conservadores. A densidade e complexidade das construções sociais do visível e das construções visuais que derivam do social continuam sendo amplamente negligenciadas.² O resultado desta gaiola epistemológica não poderia ser outro senão jovens professores utilizando o audiovisual de forma equivocada em sala de aula e cidadãos sem formação adequada para apreender criticamente o que veem e ouvem, sobretudo, no cinema, na televisão e na internet. Tal assertiva se torna ainda mais dramática à medida que reconhecemos a presença maciça de uma cultura visual, com força socializadora, que preenche a vida e as representações de uma parte significativa da população, muitas vezes não familiarizada com a cultura escrita.³

A superação dos bloqueios ideológicos colocados ao campo, segundo Raymond Williams, poderia fazer com que estes meios deixassem de ser tratados de forma estática ou de ser discutidos como “meros efeitos de outros sistemas e desenvolvimentos históricos acabados”. Ainda segundo o autor, “em poucas áreas da realidade social contemporânea há tamanha falta de entendimento histórico”.⁴

Seja como sujeitos submissos, dependentes do divertimento, com consciências fragilizadas e subjetividades controladas, ou como portadores de consciência crítica com maior liberdade e responsabilidade ante ao audiovisual, concordo com Jean-Louis Comolli de que “há uma implicação política – direta ou indireta – na escolha dos meios e das modalidades de expressão”.⁵ Para o cineasta, teórico e crítico francês, se o cinema é um campo de batalhas desde o início do século passado, a televisão [e a internet] tornou essas disputas globais. Diante de seu potencial político, Comolli questiona: como se livrar do medo do cinema? Com base na capacidade do cinema em “desentocar as

mise-en-scènes dos poderes dominantes, assinalá-las, sublinhá-las, esvaziá-las ou desmontá-las, se necessário rir delas, fazer transbordar seu excesso na perda [...]”, o autor reformula a questão: como não se livrar dele?⁶

Felizmente alguns cursos de graduação em História tem notado tal importância e inserido paulatinamente disciplinas em seus currículos de forma a atenuar essa lacuna; além de estimular grupos de pesquisas e a realização de eventos sobre as relações entre História e cinema. As experiências em países como a Espanha e Argentina, discutidas neste dossiê, servem como inspiração e exemplo para continuarmos empenhados na consolidação da área.

No Curso de Graduação em História da UFSC, por exemplo, o Programa de Educação Tutorial – PET/História tem realizado sistematicamente nos últimos cinco anos reuniões para debates sobre filmes, sempre atrelados aos seus contextos de produção, mediação e exibição. Experiência semelhante vem sendo desenvolvida desde 2010 no Núcleo de Estudos de História e cinema (NEHCINE), vinculado ao Departamento de História da UFSC e coordenado por mim. Por meio deste núcleo diversos estudantes de graduação e pós-graduação de universidades paulistas, paranaenses, catarinenses e sul-rio-grandenses tem mantido contato e se reunido regularmente com o fito de discutir sobre as saídas possíveis para os diversos obstáculos presentes em pesquisas sobre as relações entre História e cinema. Também no Programa de Pós-Graduação em História da UFSC o número de teses e dissertações relacionadas ao cinema vem demonstrando o crescente interesse de jovens pesquisadores não apenas catarinenses, mas de todo o país.

As imagens cobram vida no contexto em que são empregadas e a tarefa do historiador consiste em desvelar a sua emergência, em compreender como são, ao mesmo tempo, produtos e produtores de práticas e sentidos sociais. Os quatorze artigos que compõem este dossiê apresentam um panorama bastante diversificado sobre como essas práticas e sentidos podem ser estudados.

Três filmes, três diretoras, questões ligadas à Ditadura Militar no Brasil, papéis sexuais e feminilidade fazem parte de um conjunto de questões interconectadas no artigo que abre este dossiê. No referido trabalho, Alberto Silva discorre sobre a importância do cinema realizado por mulheres na década de 1970 e 1980, e sobre seu caráter provocativo e contestatório. As representações de gênero na cinematografia selecionada são discutidas a partir das escolhas temáticas e estéticas das diretoras, de seu contexto de produção e de recepção. Pequena e formidável amostra de como as relações entre cinema e História ajudam a desvelar as resistências e censuras ocorridas durante a Ditadura Militar.

Quase todos jovens pesquisadores que se dedicam ao estudo das relações entre cinema e História se deparam com um incontornável problema no início de suas pesquisas: como se analisa um filme? Existem diversas propostas de

análise formal e sua escolha quase sempre se dá a partir da disponibilidade de fontes, nas questões que se pretende responder e nas afinidades teóricas de cada historiador. De todo modo, tais propostas muitas vezes são confusas ou demasiadamente rígidas, o que comumente leva a serem abandonadas em prol de perspectivas mais simples, o que quase sempre redundando na mera descrição ou crítica superficial. Infelizmente são poucos os especialistas que se dedicam a explorar a árdua tarefa de compor métodos ou análises para filmes no âmbito da História que sejam teoricamente coerentes e eficientes. Dentre os historiadores brasileiros que mais avançaram no campo está Ciro Flamarion Cardoso, autor do segundo artigo que compõem este dossiê. Nele, propõe algumas direções baseadas nos estudos do líder da *Escola de Tartu* e utiliza, como exemplo, filmes do gênero musical. Consagrado pela erudição e precisão teórica e conceitual, Cardoso discute como a História dos gêneros cinematográficos, a análise de filmes e a Semiótica podem contribuir para que a noção de ‘textos dentro de textos’ auxilie historiadores interessados na análise fílmica.

Cristina da Souza Rosa aborda o cinema fascista italiano e o produzido durante o Estado Novo em perspectiva comparada iluminando as intrincadas relações em que se entrecruzavam o entretenimento, a propaganda e a educação. A inserção dos intelectuais engajados nos usos dessas cinematografias em um contexto mundial aproxima o trabalho da autora de estudos realizados no âmbito das Relações Internacionais, e indica as potencialidades que um estudo dessa natureza pode assumir. Outro aspecto que merece destaque em seu trabalho é o esforço na compreensão de como os governos brasileiro e italiano, muitas vezes dialogando sobre temas e problemas comuns, se dedicaram a criação de instituições com o fito de controlar a produção e circulação de filmes em seus países.

As relações entre realidade, História, verdade, ficção, representação e cinema estão entre as principais preocupações do artigo de Fábio Nigra. Interessado nas possibilidades de uma ‘história cinematográfica’, o autor retorna a postulados teóricos derivados da ‘virada linguística’, na década de 1960, para testar sua aplicação nas relações entre cinema e História. Para ele, estando a realidade condicionada a produção de sentido, a aproximação entre a história e os filmes hollywoodianos serviria para exemplificar e validar os pressupostos teóricos-metodológicos apresentados por Roland Barthes (mas que, como sabemos, advém de um antirrealismo epistemológico surgido ainda no século XVIII) e de autores influenciados por ele, como Hayden White e Robert Rosenstone. A percepção de que a realidade é mera codificação - portanto uma construção social -, orienta o tratamento que Nigra dá aos ‘filmes históricos’.

O papel que os cenários desempenharam em um conjunto de filmes de reconstrução histórica espanhóis é o tema do artigo de Glória Camarero Gómez. A autora discute como eventos históricos foram tratados pelo cinema

espanhol desde a década de 1930. A partir da influência da pintura e do teatro no cinema daquele país, Gómez analisa o modo como estas influências foram somadas aos cenários naturais na busca pela verossimilhança em *Alatriste* (2006) de Augustín Díaz Yanes. Sua ênfase recai nas formas como diversos eventos ocorridos no século XVII foram representados a partir do amálgama de técnicas amplamente experimentadas pelo cinema espanhol nas décadas de 1930 e 1940, como a pintura, e outras mais recentes, como a tecnologia digital. Interessante notar aqui, o modo como as representações no ‘cinema histórico’ procuraram se aproximar de imagens facilmente reconhecíveis para o público espanhol, o que certamente tem contribuído sobremaneira para a popularidade desse gênero.

Em *Las interrelaciones Historia y Cine, en España*, Josep Maria Capparós Lera apresenta um amplo horizonte das pesquisas realizadas nesta área desde a década 1970. Como o autor assevera a constituição do campo, quer dizer, a *travesía del desierto*, foi realizada não sem grandes esforços. Capparós Lera, líder do *Centre d’Investigacions Film-Història*, criado em 1983 na cidade de Barcelona, traça uma cronologia dos principais eventos, autores e trabalhos sobre História e cinema naquele país, e deixa evidente não apenas a efervescência, mas também a solidez do campo. Mais do que familiarizar o pesquisador brasileiro com o que tem sido feito na Espanha, seu artigo é um mapa para os interessados no modo como historiadores espanhóis vem estudando o cinema, especialmente no centro de estudos sob sua coordenação.

Michèly Lagny, certamente uma das pesquisadoras da área mais lidas na atualidade, apresenta um interessante trabalho sobre como Luchino Visconti utilizou a ópera em três de seus filmes, da fase pós-realismo. Ao assumir um papel metafórico, Lagny demonstra como a música tornava mais complexa a forma como o diretor italiano interpretava a História. Além da importância da ópera no entendimento de como Visconti via o presente e o passado da sociedade italiana, a autora também chama a atenção para as relações entre a música, a imagem e a literatura nos filmes discutidos.

As representações da morte do ex-ditador Francisco Franco, ocorrida em 1975, em quatro filmes espanhóis são o tema de Nancy Berthier. História, memória, imagem e representação estão presentes na reflexão que a autora elabora sobre diversas versões filmicas para a morte do caudilho. Exemplar lugar de memória visual, a morte de Franco continua sendo alvo de disputas; um passado que, segundo Berthier “no pasa y que sigue dividiendo a los españoles”.

Os grupos de trabalho, formação de recursos humanos, publicações e instituições argentinas voltadas para as relações entre História e cinema são apresentados no artigo de Mariana Piccinelli, Florencia Dadamo e Leandro Della Mora. No *état de l’art* do campo na Argentina os autores enfatizam sua pluralidade temática e teórica e a importância do estudo dos filmes no âmbito

da História. O levantamento efetuado demonstra o crescimento desses estudos no país vizinho e apresenta-se como um convite para nós brasileiros não apenas compreendermos melhor sua historiografia sobre História e cinema, mas também um convite para futuras trocas e parcerias.

Porque, em certo momento, em uma sociedade, se busca fazer um retrospecto para conhecer e discutir o que se praticava até então sem maiores questionamentos? Algumas das discussões mais estimulantes nas relações entre História e cinema, residem precisamente na busca por respostas a esse tipo de pergunta, em outras palavras, nas formas como ambos tem convergido, seja no campo do documentário, animação, curta ou longa metragem. No artigo de Sheila Schvarzman há uma boa discussão sobre como o cinema constitui-se em algo muito mais complexo do que o mero reflexo histórico ou das condições sociais em que é produzido e assistido. Com base em recente historiografia e cinematografia sobre a história das relações entre Israel e a Palestina, a autora demonstra como ambos têm obtido êxito em problematizar narrativas históricas tradicionais marcadas pelo nacionalismo e religiosidade.

Rafael Rosa Hagemeyer e Alexandre Pedro de Medeiros discutem em seu artigo a construção da História e do historiador por meio do audiovisual, a partir do cinema documentário. Com base em *Peões* (2004), de Eduardo Coutinho, os autores lançam a seguinte questão: “pode Coutinho ter atuado como historiador e produzido História em *Peões*?”. Ainda que evocando autores como Robert Rosenstone - que para defender uma escrita da história visual milita pela diluição das fronteiras entre a História e a ficção -, Hagemeyer e Medeiros estão menos empenhados em debater os pontos de tensão levantados no artigo de Fábio Nigra, do que em problematizar a metodologia de produção do audiovisual utilizada por Coutinho.

Rosana Elisa Catelli ao estudar como o cinema foi utilizado pela UNESCO entre as décadas de 1940 e 1970 problematiza as múltiplas interações necessárias para sua abordagem. A complexidade que alguns trabalhos na área podem assumir a que me referi no início desta apresentação pode ser vislumbrada no modo como a autora trata seu objeto de estudo, tendo como norte a História Social e dialogando com outras áreas como as Relações Internacionais e a História Cultural. Catelli se movimenta com desenvoltura entre documentos e fontes bastante diversificadas para compor não uma relação mecânica entre cinema e História, mas, inspirada por Jacques Rancière, uma interpenetração bem mais desafiadora e interessante.

A complexidade da construção da narrativa e da composição visual em um grupo de filmes que trata do universo adolescente é discutida no artigo de Tania Monteiro e Michael Peixoto. A interdisciplinaridade mencionada no início desta apresentação como aspecto vital para os que desejam estudar as relações entre cinema e História é bem exemplificada pelos autores. Híbridos e

intertextualidades nos filmes, isto é, processos convergentes entre temáticas, linguagens e suportes, são tomados como característica crescente na recente cinematografia mundial. Mesmo que a multiplicidade de referências e, em diálogo entre si e com obras anteriores seja um aspecto presente em toda a história do cinema, o seu crescente uso com foco em temáticas específicas como o ambiente virtual, o suicídio adolescente e o *bullying*, não passou despercebido por Monteiro e Peixoto.

O último texto a integrar este dossiê é a entrevista realizada por Michelly Cristina da Silva nos Estados Unidos, com o Professor Daniel Josef Leab renomado especialista em cinema e Guerra Fria e referência obrigatória para os interessados no cinema estadunidense das décadas de 1940 e 1950. Na entrevista, a autora apresenta o pesquisador ao público brasileiro, aborda questões relacionadas à cinematografia anticomunista nos Estados Unidos, e dá especial atenção à produção do filme *I Was A Communist For The FBI* (1951), de Gordon Douglas.

Como os trabalhos apresentados neste dossiê indicam, o horizonte intelectual em que a História e o cinema se encontram está implacavelmente marcado pela necessidade de discutirmos quais as possibilidades e os limites da escrita da História pelo audiovisual.

Nestas searas, um dos principais pontos de tensão teórica entre historiadores que discutem o cinema, é a viabilidade, ou não, de uma história pós-moderna por meio dos filmes. Embora seja fácil defender a perspectiva de que os filmes são seleções, simplificações, deformações ou deturpações da coisa codificada – sobretudo se levada em conta o funcionamento e a constituição de redes representacionais –, a defesa de que o mesmo sempre ocorre com a escrita da História está eivada de problemas. Como já apontado por outros autores, os debates sobre realismo e antirrealismo no domínio específico do conhecimento histórico está ligada a uma decisão sobre a História produzir textos científicos ou, meramente, textos da mesma ordem dos da literatura ficcional.⁷ Sabemos que a segunda perspectiva, longe de ser bem aceita, traz profundas implicações éticas e políticas, já debatidas à exaustão pela literatura especializada.

Ainda que eu reconheça a urgência de discutirmos as interações entre cinema e História, não acredito que os pressupostos lançados pelos teóricos pós-modernos sejam um bom caminho. Muitas das perspectivas neste horizonte me parecem mais provocações do que propostas bem alicerçadas ou viáveis. Tais tentativas, no entanto, têm sido exitosas ao chamar a atenção dos historiadores para a importância do audiovisual no modo como percebemos e interagimos com o mundo. Ademais, é um ponto de partida para refletirmos sobre a escrita da História no cinema, debate que está apenas iniciando.

Boa leitura!

NOTAS

¹ Vide: VALIM, Alexandre B. História e cinema. In: CARDOSO, Ciro F; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2012. p. 283-300.

² A “[...] inescapável dimensão visual e seus efeitos” foi bem delineada por Ulpiano T.B. Menezes em “História e imagem iconografia/iconologia e além”. In: *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2012. p. 243-262.

³ Cf. SETTON, Maria da Graça. *A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 17.

⁴ Cf. WILLIAMS, Raymond. Meios de comunicação como meios de produção. In: *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011. p. 74-75.

⁵ Cf. COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder. A inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte: UFMG/Humanitas, 2008. p. 27.

⁶ Cf. COMOLLI, Jean-Louis, p. 61-63.

⁷ O debate é longo e demandaria muito mais tempo e espaço de que disponho neste momento. Para abordagens recentes sobre o antirrealismo epistemológico vide: CARDOSO, Ciro F. Um historiador fala de Teoria e Metodologia. *Ensaio*. Bauru: EDUSC, 2005, p. 55-94; WOOD, Ellen M; FOSTER, John B. *Em defesa da História: Marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999; EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.